

MUNDO

A geopolítica da invasão russa

UCRÂNIA A decisão de Putin de atacar o país vizinho, agredindo o direito internacional, pode conter avanço da Otan no leste europeu ao custo de forte abalo mundial, dizem especialistas

Karla Jaime
karla.jaime@opopular.com.br

Quais os prováveis desdobramentos e consequências da invasão da Ucrânia pela Rússia? Para avaliar questões como a importância estratégica da Ucrânia, que pleiteava adesão à Otan (aliança militar ocidental), as reações de países europeus, dos Estados Unidos e da China, o impacto da guerra e de duras sanções aos russos para a economia mundial já abalada após dois anos de pandemia de Covid-19, com reflexos também no Brasil, O POPULAR ouviu dois especialistas: Ronaldo Carmona, doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP), professor de Geopolítica da Escola Superior de Guerra (ESG) e senior fellow do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri), e Carlo Patti, historiador, professor de Relações Internacionais da Universidade Federal de Goiás (UFG), cujo livro mais recente é "Brazil in the Global Nuclear Order, 1945-2018" (Johns Hopkins University Press, 2021). Eles comentam também as consequências das decisões do presidente russo Vladimir Putin no leste europeu e na geopolítica internacional. Sobre o líder, Patti ressalva: "Estamos no contexto de um regime com uma liderança autoritária, um déspota que está há mais de 20 anos no poder, cujas atitudes não podem ser consideradas como a refletir a população russa".

DESDOBRAMENTOS DO CONFLITO

Ronaldo Carmona - Como exímio jogador de xadrez, Putin espera com essa demonstração de força alcançar o que tinha proposto algumas semanas atrás, os termos de um acordo para recuar suas tropas então próximas da Ucrânia. As exigências eram que a Ucrânia não fizesse parte da Otan e que houvesse um novo acordo sobre o posicionamento dos mísseis em países fronteiriços, casos de Polônia e Romênia. Com essa nova jogada, ele tenta estabelecer os termos de um acordo que contenha o avanço de países ocidentais sobre a área de influência russa.

Carlo Patti - O ataque maciço da Rússia à Ucrânia foi uma agressão ao direito internacional, a um estado soberano, e ocorreu durante uma reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas, foi, portanto, uma lesão total ao direito internacional. Não foi uma reação a uma agressão, foi uma iniciativa russa orientando as ações para uma tomada total do território ucraniano. O Brasil sempre prezou pelo respeito ao direito internacional e não interferência nos assuntos internos de outros Estados. Essa foi uma agressão internacional e acredito



Ronaldo Carmona: uso da força para alcançar acordos



Carlo Patti: ação russa para tomada total da Ucrânia

que o Itamaraty deva condenar mesmo se tratando da Rússia, um dos parceiros dos Brics. A invasão russa deve ser total, porque não há possibilidade de resistência por parte da Ucrânia e nem de adesão à aliança militar, não existem mais as condições de um regime democrático com um parlamento favorável a essa decisão.

EXPANSÃO DA OTAN

Ronaldo Carmona - A Otan, desde o final da Guerra Fria, tem liderado uma expansão para leste, paulatinamente foi se expandindo e se imiscuindo na área de influência russa. Toda grande nação é muito ciosa da questão territorial. Vamos lembrar um paralelo que foi a crise dos mísseis de 1962, no auge da Guerra Fria, quando a União Soviética implementou os mísseis nucleares em Cuba, o que levou a uma reação sem precedentes dos Estados Unidos para retirada desses mísseis por representarem uma ameaça direta aos EUA. Os russos concebem a situação mais ou menos por aí, consideram que a aproximação do território russo tem sido tão grande, um cerco, lembrando que os primeiros países incorporados à Otan são os bálticos.

Carlo Patti - Na ótica de Putin, o avanço da Otan como determinante para o fim dos acordos de Kiev, levaria a uma ameaça. Houve uma expansão da Otan para o leste, uma decisão mais que justificada, porque muitos países poderiam sofrer as mesmas consequências que a Ucrânia está sofrendo. Pensamos na necessidade dos países bálticos de aderir à Otan como garantia de segurança contra a Rússia. A Otan é uma aliança

militar com finalidade defensiva: se a Ucrânia integrasse a Otan, qualquer agressão ao país desencadearia uma reação de todos os países membros para defender. O que acontece em território ucraniano é grave porque se trata de uma intervenção maciça contra um estado soberano, um grande país, por parte do exército russo.

ESTRATÉGIA DE PUTIN

Ronaldo Carmona - Putin assumiu há cerca de 20 anos, e se preparou ou vem se preparando ao longo de sua presidência uma reação ao que considera uma grande ameaça em relação à Rússia. Essa reação passou pelo fortalecimento do poder nacional russo, pelo fortalecimento econômico e, sobretudo, do poder militar. Hoje a Rússia é a segunda maior potência militar do mundo. E aproveita-se de uma conjuntura mundial, uma reorganização do poder mundial, com forte ascensão da China e da própria Rússia, ao passo que o Ocidente tem uma fraqueza relativa diante desses mesmos países. Então, Putin se aproveita dessa nova situação, da União Europeia e dos EUA em situação conturbada, para avançar sobre o que considera ser vital para o interesse nacional russo.

RISCO DE TERCEIRA GUERRA

Ronaldo Carmona - Considero pouco provável um confronto direto entre potências, como Rússia e Estados Unidos, ou China e Estados Unidos, porque possuem arsenais nucleares. Existe essa barreira nas relações internacionais, porque arma nuclear existe como instrumento de dissuasão, não para

ser usada, porque se um país usar contra outro, vai haver revide, ou seja, a garantia é de que todo mundo se dá mal. É o chamado princípio da destruição mútua assegurada, de modo que um confronto direto entre potências nucleares da Otan e Rússia poderia representar o Armagedon, uma catástrofe que levaria ao pior desfecho possível para a humanidade.

Carlo Patti - Os Estados Unidos não enviarão tropas para a Ucrânia, que não é membro da Otan, não faz parte da aliança defensiva. Acredito que essa crise não levará as duas potências nucleares a se envolverem num conflito nuclear, que equivaleria a uma Terceira Guerra Mundial. Não há espaço para isso.

IMPACTO DAS SANÇÕES À RÚSSIA

Ronaldo Carmona - As sanções draconianas, fortíssimas, vão se juntar a outras que a Rússia já sofre desde 2014 quando houve anexação da Crimeia. Qual o desfecho disso? O Brasil, por exemplo, tem excelentes relações com a Rússia, como parceiros dos Brics, com grande potencial na área tecnológica, relacionada a programa espacial e operação na área nuclear. Somos grandes importadores de fertilizantes da Rússia, o que causa impacto direto no setor agrícola. Essa tensão joga na lua o preço do combustível, com o barril já cotado a 100 dólares, e isso vai se refletir na pressão ainda maior sobre o preço do combustível e da inflação no Brasil.

Carlo Patti - As sanções devem ter impacto direto sobre a população russa, que vai pagar por isso. Tem custos elevados também para outros países a

aplicação dessas sanções com objetivo de constranger a Rússia e provocar consequências. União Europeia e Washington estão na mesma perspectiva, e a Alemanha está agindo de maneira firme, o que demonstrou ao não certificar o novo gasoduto. A China não deve aderir, tentará agir como negociadora em favor dos russos, buscando assegurar o novo status quo que se está impondo, mesmo não aderindo em questões de respeito e autodeterminação dos povos, o que iria contra seus interesses. No Brasil, poderá ter impacto sobretudo pela alta no preço do petróleo.

LAÇOS HISTÓRICOS

Ronaldo Carmona - A Ucrânia é parte central da identidade nacional russa. O próprio surgimento da Rússia como estado se dá em Kiev, só depois de uma série de conflitos nos séculos 7 e 11, a nação se estabelece em Moscou.

Carlo Patti - A Ucrânia faria parte do espaço natural de ação da Rússia e seria um berço mesmo daquela que é a identidade russa, mas isso no pensamento de Putin. É mais uma questão de evitar a entrada da Ucrânia na Otan, o que constituiria claramente uma impossibilidade para a Rússia de alterar os mapas para suas próprias finalidades.

ABALOS NA EUROPA

Carlo Patti - Importante pensar como o sistema europeu, internacional, mudou desde 1945, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, para cá. Até 1991 existia a União Soviética e havia toda uma série de estados de regime socialista, que podem ser considerados estados satélites da União Soviética, com possibilidade limitadíssima de autonomia. Isso foi claro na repressão brutal da União Soviética na Alemanha Oriental em 1953, na Polônia no mesmo ano, na Hungria de maneira muito evidente com a invasão soviética em 1956, na intervenção contra a Checoslováquia em 1968. Isso era numa lógica da Guerra Fria onde havia um limite ditado pela cortina de ferro resultante dos acordos que ao término da Segunda Guerra dividiram a Europa entre o Ocidente e a Europa Centro-Oriental, que era a parte que tinha sido ocupada pelo Exército Vermelho após a guerra. Essas intervenções eram vistas mais como questões internas ao bloco de Varsóvia, ao bloco dos aliados da União Soviética. Hoje não, hoje é diferente. Já houve outras guerras e conflitos na Europa depois da Segunda Guerra, como nos Balcãs. Desta vez há uma intervenção russa contra um país que tinha começado um processo de adesão à Otan, que tinha adequado a Constituição para formalizar essa adesão. Como disse, é muito grave.